

ENVELHECIMENTO E PRÁTICAS DISCURSIVAS DE (NÃO) SUBJETIVAÇÃO DE PESSOAS LGBTIA+

AGING AND DISCURSIVE PRACTICES OF (NON) SUBJECTIVATION OF LGBTIA+ PEOPLE

Vinícius Rodrigues da Silva ¹

Rubra Pereira de Araujo ²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O texto a seguir é um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que visa analisar as práticas discursivas de subjetivação acerca do envelhecimento de pessoas com variabilidades de identidades de gênero e orientação sexual não hegemônica. Este artigo discorre sobre o envelhecimento das pessoas LGBTIA+ e as práticas discursivas de subjetivação e sua negação culminando no ageísmo ou etarismo que alija cidadãs e cidadãos em virtude da faixa etária, sobretudo as pessoas com identidade de gênero e orientação sexual dissidente da cisheteronormatividade. Diante da complexidade do tema e da necessidade de uma visão holística para a questão, optamos por uma abordagem mais poética referindo-se a textos de linguagem literária sobre a temática em tela. Mediante essa opção intencional, ancoramos nossas reflexões na leitura da obra de Michel Foucault, quem aponta que a ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade do visível. Sendo assim, se as práticas discursivas corroboram para a invisibilidade e alijamento dos sujeitos, cremos no poder fundante de novas epistemologias a partir do momento em que trazemos à pauta questões humanas tão caras e dignas de visibilidade.

Palavras-Chave: Envelhecimento – Etarismo – LGBTIA+ - práticas discursivas de (não) subjetivação.

Abstract: The following text is an excerpt from an ongoing master's research project that aims to analyze the discursive practices of subjectivation regarding the aging of people with varying gender identities and non-hegemonic sexual orientations. This article discusses the aging of LGBTIA+ people and the discursive practices of subjectivation and its denial, culminating in ageism or ageism that excludes citizens due to their age group, especially people with gender identities and sexual orientations that differ from cisheteronormativity. Given the complexity of the topic and the need for a holistic view of the issue, we opted for a more poetic approach, referring to literary texts on the subject at hand. Through this intentional choice, we anchor our reflections in the reading of the work of Michel Foucault, who points out that fiction consists not in making the invisible visible, but in making visible to what extent the invisibility of the visible is invisible. Therefore, if discursive practices contribute to the invisibility and exclusion of subjects, we believe in the founding power of new

¹ Mestrando em Letras, com ênfase em Linguística Aplicada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. Professor na área de Linguagens, Códigos e Tecnologias na rede estadual de ensino/SEDUC-TO. E-mail: vrds_vinicius@hotmail.com

² Professora Adjunta responsável pelo componente curricular de Literatura, Leitura e Ensino no PPG- Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. E-mail: rubraaraujo@mail.uft.edu.br

epistemologies from the moment we bring to the table such important human issues that are worthy of visibility.

Keywords: Aging – Ageism – LGBTIA+ - discursive practices of (non) subjectivation.

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

Introdução

*Nascer é uma possibilidade
Viver é um risco
Envelhecer é um privilégio!*

Mário Quintana

Partindo da premissa do eu-lírico da epígrafe em tela, de autoria do poeta Mário Quintana, o tom dissertativo é de que o envelhecimento é um privilégio de um corpo que vivenciou muitas experiências, embora a vida seja um risco para aquele que tem a possibilidade de nascer. Nesse sentido, transcorremos sobre o processo de envelhecimento e como as práticas discursivas corroboram negativamente ou positivamente para a subjetividade idosa na sociedade hodierna.

Entre as pautas socioculturais contemporâneas, é importante pontuar a complexa relação que existe entre o envelhecimento do corpo humano e a diversidade de gênero e orientação sexual, com ênfase especial em idosos da população identificada como lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, intersexos, assexuais e demais definições LGBTIA+³.

Este texto é um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado ainda em seu processo embrionário no Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL da Universidade Federal do Tocantins que visa analisar as práticas discursivas de (não) subjetivação de

³ O símbolo + diz respeito à inclusão de outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero. (REIS, 2018, p. 13). Ainda, de acordo com as definições do Manual de Comunicação, da Aliança Nacional, LGBTI+ possui as seguintes referências: LGB refere-se à orientação sexual da pessoa, e a sigla TI diz respeito à identidade de gênero, ou seja, denominação que vai além da definição de masculino ou feminino.

representantes da população LGBTIA+ a respeito do processo de envelhecimento, as demandas, desafios e complexidades que são veiculadas mediante o discurso.

Nesse sentido, reforçamos o que pontuamos desde o título deste artigo, em afirmar a subjetivação antecedida de um modalizador de negação entre parênteses, afinal, o propósito sociocultural parece impor um padrão que nega e inviabiliza a subjetividade idiossincrática, alijando alguns sujeitos, principalmente quando estes não atendem mais ao ideal utilitário produtivo de performance desejável, devido o quesito etário.

Comungamos da ideia de que é necessária compreensão de como as práticas discursivas impactam a formação subjetiva dessas pessoas. Especificamente, é preciso entender como as orientações sexuais e as identidades de gênero dissidentes da cis/heteronormatividade dessas pessoas são influenciadas ao longo do tempo. A literatura acadêmica e a sociedade ainda ignoram o envelhecimento desta comunidade, especialmente quando se trata do marcador identitário LGBTIA+. Isso indica que é necessário realizar estudos teóricos e empíricos mais abrangentes, para tornar essas experiências diversas visíveis e inclusivas.

O arcabouço teórico utilizado neste texto baseia-se em leituras sobre a contribuição de Michel Foucault (1926-1984) e sua análise do discurso com vistas para a questão sociocultural e nesta escritura agregamos um olhar também estético, visto a arte possuir um poder transgressor de retratar a realidade. Nesse sentido, emergimos versos e estrofes de alguns poemas selecionados com temática do envelhecimento.

O poema a seguir foi escrito e publicado em 1957 e retrata de forma melancólica o real o processo de envelhecimento dos corpos humanos, na maioria das vezes, relegados à indiferença:

Como se morre de velhice
ou de acidente ou de doença,
morro, Senhor, de indiferença.

Da indiferença deste mundo
onde o que se sente e se pensa
não tem eco, na ausência imensa.

Na ausência, areia movediça
onde se escreve igual sentença

para o que é vencido e o que vença.

Salva-me, Senhor, do horizonte
sem estímulo ou recompensa
onde o amor equivale à ofensa.

De boca amarga e de alma triste
sinto a minha própria presença
num céu de loucura suspensa.

(Já não se morre de velhice
nem de acidente nem de doença,
mas, Senhor, só de indiferença.)

Cecília Meireles.

A autoria do texto acima é da poetiza brasileira clássica da Literatura Brasileira Cecília Meireles (1901-1963) e associando com a sua biografia e bibliografia, trata-se do tema existencial do envelhecimento e, mais uma vez, retrata o fugaz, o efêmero que provoca dor no eu-lírico que sofre com a indiferença e muitas vezes o abandono em uma faixa considerada idosa. Ainda de acordo com dados biográficos da autora, é nítida a sua relação com a nostalgia, (des)encanto diante da vida e a morte bastante presente em seus entes queridos e o fato de ter sido educada pela avó, em virtude do falecimento precoce de seus pais.

O retrato poetizado sociocultural não é diferente quase um século depois na sociedade contemporânea, em que, independente do marcador identitário ou sociocultural, o sujeito idoso, muitas vezes, é relegado ao sofrimento causado pelo antagonismo da empatia, sensibilidade e solidariedade humana.

Com base na teoria foucaultiana, a análise discursiva nos ajuda a compreender como os discursos sobre envelhecimento e diversidade de gênero e sexualidade atuam como ferramentas para exercer poder e controle, moldando as identidades dessas pessoas ao longo dos anos.

Michel Foucault refletiu sobre a relação entre poder, discurso e subjetivação. Foucault (2014) afirma que o discurso é mais do que apenas refletir a realidade, é uma prática ativa que cria e controla o que pode ser expresso, pensado e vivenciado. A subjetivação ou idiosincrasias das pessoas idosas LGBTIA+ é fortemente influenciada pelas normas e valores

discursivos presentes na sociedade. É importante enfatizar que essa subjetivação não acontece sozinha, de forma isolada. Tal observação requer um olhar complexo, não necessariamente difícil, mas holístico para toda uma estrutura baseada em práticas discursivas de (não) subjetivação, que visam moldar ao padrão socioculturalmente estabelecido pelo binarismo de gênero e heterossexualidade compulsória.

O termo “heterossexualidade compulsória”, cunhado e popularizado por Adrienne Rich em *Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica*, em 1980, ainda é utilizado atualmente para referir-se ao regime político da heterossexualidade. Em seu artigo, Rich desenvolve os aspectos subjacentes ao termo e faz um manifesto político em favor da lesbianidade dentro do movimento feminista. O termo conota a ideia de um projeto sociocultural do biopoder ao estabelecer o padrão de um único desejo ou orientação sexual, definindo o ser humano, sobretudo ao que concerne a função limitante do sexo e sexualidade, apenas à procriação da espécie.

O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E O ETARISMO SOFRIDO POR LGBTIA+

Ser idoso e ser velho⁴

Idoso é quem tem muita idade; velho é quem perdeu a jovialidade.
A idade causa degeneração das células; a velhice, a degeneração do espírito.

Você é idoso quando se pergunta se vale a pena;
Você é velho quando, sem pensar, responde que não.

Você é idoso quando sonha;
Você é velho quando apenas dorme.

Você é idoso quando ainda aprende;
Você é velho quando já nem ensina.

Você é idoso quando se exercita;
Você é velho quando apenas descansa.
Você é idoso quando ainda sente amor;

⁴ O texto reflexivo em questão foi declamado na íntegra em uma solenidade pública de colação de grau de uma turma de idosos formandos do Programa Universidade Aberta Intergeracional (UNABI) da Universidade Estadual do Maranhão/UEMA. Disponível em [UEMA | Velho ou idoso?](#) Acesso em 29 de novembro de 2024.

Você é velho quando só sente ciúmes.
 Você é idoso quando o dia de hoje é o primeiro do resto de sua vida;
 Você é velho quando todos os dias parecem o último da longa jornada.
 Você é idoso quando o seu calendário tem amanhã;
 Você é velho quando ele só tem ontens.
 (...)
 (Jorge R. Nascimento)

Excertos do poema em epígrafe referenda as práticas discursivas que pairam no imaginário do senso comum sobre a positividade e negatividade entre os vocábulos “idoso” e “velho”, sendo este considerado depreciativo e representante de um discurso hedonista e que relega o papel de pessoas anciãs à função descartável. O texto poético foi declamado em uma solenidade de colação de grau de uma turma de terceira idade, denominado Universidade da Maturidade/UMA, projeto que disseminou pelas universidades públicas do país e muitas vezes com o apoio do poder público tríplice entre governo federal, estadual e municipal visando políticas públicas afirmativas em prol da população na faixa etária dos 50, 60 anos de idade.

O envelhecimento não é apenas um fenômeno biológico. Em vez disso, é um processo social e discursivo complexo que pode ser interpretado de várias maneiras dependendo do contexto cultural, histórico e pessoal do indivíduo. Assim, é possível observar as práticas discursivas que subjetivam ou não os sujeitos para identificar as complexidades e contradições presentes nas narrativas sobre gênero e sexualidade na chamada terceira idade.

O etarismo e seus respectivos sinônimos de ageísmo ou idadismo relaciona-se, sobretudo aos estereótipos e tratamento preconceituoso e discriminatório com as pessoas em virtude da idade cronológica. Nesse sentido, é importante ressaltar que esse fenômeno sociocultural contribui para a segregação da população e está relacionado a padrões socioculturais estabelecidos na sociedade, como a valorização da produção, associada a um padrão etário jovial. Em outras palavras, o etarismo é uma discriminação pautada na ideia de que a idade depõe negativamente sobre as performances do sujeito, o que acarreta, na maioria das vezes, estereótipos negativos, tratamento desigual, indiferenças nas relações inter e intrapessoais e, até mesmo, na exclusão sociocultural, devido ao processo de invisibilidade ou depreciação moral e psicológica.

Comungamos com a ideia de que o debate sobre o etarismo e as práticas discursivas de (não) subjetivação para a população LGBTIA é muito importante, não apenas em pautas pontuais, mas no discurso legitimado da esfera acadêmica.

Pessoas LGBTIA+ nascem, desenvolvem-se, envelhecem e morrem, entretanto, a invisibilidade torna-se real, em muitos casos, devido a essas pessoas não terem procriado ou mesmo constituído famílias em caráter biológico, o que torna difícil conceber que envelhecer seja um processo natural para toda a população, seja ela cisgênera ou transgênera, independente da orientação sexual.

Esse assunto precisa tornar-se pauta de discussões para a busca coletiva de possíveis soluções para amenizar tantas dores existenciais, em virtude de solidão ou abandono dessas pessoas, principalmente, em questões de políticas públicas que considerem as especificidades dessa população, sobretudo no que tange à garantia dos direitos humanos cidadãos inalienáveis, independentemente de qualquer fator de identidade de gênero ou orientação sexual.

Luis Baron, Carlos E. Henning e Sandra R. M. Ortiz publicaram o livro intitulado *O Brilho das Velhices LGBT+: Vivências e Narrativas de Pessoas LGBT 50+* no ano de 2022. Na sinopse da obra, os autores levantam questionamentos interessantes, entre eles, destacamos o seguinte: Quem tem direito às velhices LGBT+? O propósito é visibilizar relatos de pessoas que vivenciam o apagamento sociocultural e, segundo os próprios autores surpreenderam-se com a conclusão de que essas narrativas retratam muito o presente e o futuro, em vez de um mero passado nostálgico. A pergunta de pesquisa provocada pelos autores nos leva à ideia de que o envelhecimento no Brasil é plural e muito perpassado por desigualdades e indiferença para uma parcela da população composta por questões diversas, como raça, gênero e classe social. A leitura dos relatos promove lampejos de esperança de mudar o cenário de (in)visibilidades e tornar a concepção desta faixa etária um processo mais alegre, com cores vivas e diversas do arco-íris.

Nesse contexto, nossas análises perpassam pelos principais documentos oficiais que expressam sobre os direitos, políticas públicas e diretrizes relacionadas à população idosa. A partir desse contexto, segundo o Estatuto da Pessoa Idosa (2003), é considerada pessoa idosa o cidadão com idade igual ou superior a 60 anos. Contudo, para a população da comunidade de pessoas dissidentes da cisheteronormatividade, sobretudo a marginalizada pela sociedade

ao longo dos anos, não vivencia expectativa de vida semelhante ao da população que pertence ao processo heterocisnormativo.

E OS TRANSIDOSOS DO UNIVERSO DA LETRA T DA SIGLA LGBTIA +?

Morremos também socialmente –sem educação acolhedora, sem assistência à saúde especializada, sem chance de moradia, sem abrigos apropriados, sem prisões com alas especiais, sem acesso ao trabalho formal. Na maioria, as escolas são LGBT-fóbicas, da diretora aos funcionários, apoiados por famílias que não querem seus filhos convivendo com “veadinhos” ou “sapatões”, com medo de se “contaminarem”, como se a sexualidade fosse uma doença contagiosa. Pela discriminação sofrida, acabamos não aguentando e sendo indiretamente expulsos, sem conseguir estudar. Ainda somos “culpados” por ser quem somos, mas, passamos a réus. A maioria das famílias também expulsa seus filhos de casa. A nós, os transvelhos, quem ajuda? Qual o preço da nossa velhice? (NERY, 2019, p.19)

No excerto supracitado, o autor relata e questiona a cidadania precarizada imposta às pessoas trans que se inicia desde a infância, primeiras socializações, épocas de transgressões corporais e muitas vezes, a necessidade forçada de destransicionar-se para sobreviver em uma possível velhice, a qual torna-se um preço caro para o sujeito transgênero. O autor ressalta ainda que este processo é marcado por mortes simbólicas. O interessante é que nessas “mortes simbólicas” há a ressurreição de corpos que resistem e insistem em sua idiosincrasia como afirma essa “ancestrava”⁵, uma das entrevistadas participantes da pesquisa do autor. Ela relata sua destransição para sobreviver e o processo de necessidade de retirar o silicone do corpo e usar indumentárias masculinas: “Não importa a forma como me apresento fisicamente. Fui, sou e sempre serei travesti”. (NERY, 2019, p. 153).

O livro *Velhice Transviada: memórias e reflexões* é de autoria de João W. Nery, escrito em 2018, mesmo ano de sua morte, aos 68 anos de idade. Trata-se de um homem trans psicólogo, escritor e ativista que se submeteu a um processo cirúrgico de redesignação sexual no Brasil, em plena Ditadura Militar, no ano de 1977.

⁵ Compreendemos o termo “ancestrava” recorrente na comunidade Trans para se referir a uma mulher trans acima de 45 anos que se destacou pela importância histórica e cultural na militância com seu próprio corpo transicionado. Trata-se de um termo carinhoso e respeitoso inspirado na palavra “ancestral” para se referir a uma travesti idosa, geralmente com experiência e sabedoria acumuladas ao longo da vida. É uma forma de reconhecer sua contribuição para a luta pela visibilidade e direitos

Estudos de organizações não governamentais, mediante a omissão e silenciamento da Academia e do governo, levantam estudos de que o índice de perspectiva de vida de pessoas transgêneras, sobretudo no que concerne à população de mulheres travestis e transexuais é de apenas 35 anos, pois, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais, doravante ANTRA, o Brasil, pelo décimo quinto ano consecutivo, assume a liderança de assassinatos dessa população, geralmente na faixa etária supracitada.

De acordo com Lopes et al. (2021), Benevides e Nogueira (2020) reforçam que "no caso de travestis e transexuais, a situação é mais preocupante. Apesar da precariedade de dados produzidos pelo Estado, levantamentos realizados por organizações não governamentais mostram que o Brasil é o país onde mais se matam travestis e transexuais. De forma geral, a expectativa de vida dessas pessoas é de 35 anos, menos do que a metade da média de vida da população nacional". Tais achados são corroborados por outros estudos que apontam a vulnerabilidade dessas populações em diversos aspectos, como a saúde e a educação (Muller; Knauth, 2008; Rocon et al., 2016; Silva et al., 2017; Bezerra et al., 2019).

No ano de 2010, Pedro Paulo Sammarco Antunes defendeu sua dissertação de mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo intitulado *Travestis envelhecem?* O texto defende que a velhice é composta por atos performativos, constantemente reiterados (repetição por meio de práticas discursivas de (não) subjetivação), causando a ideia de que haveria uma essência natural entre gênero e envelhecimento, inerente a todos os corpos, entretanto os corpos daquelas que foram nominadas de travestis são considerados como não humanas, as que ultrapassam a perspectiva de vida prevista pelo biopoder do país são consideradas sobreviventes de um verdadeiro genocídio que perdura em pleno século XXI.

A pesquisa defende a quota de humanidade muitas vezes negada a esta população. Nesse sentido, é sempre importante destacar que essa reiteração de negação de direitos humanos básicos inalienáveis é sempre concedida por práticas discursivas de subjetivação que permeiam o imaginário do senso comum. A dissertação em questão tornou-se livro e até o presente momento é um dos poucos estudos que versam sobre o envelhecimento de mulheres travestis e transexuais brasileiras na academia.

No ano de 2019, Ana Paola de Souza Lima defendeu sua tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal de Mato Grosso com o seguinte título: *Nossos corpos não são mais os mesmos: narrativas de*

mulheres trans e travestis sobre o processo de envelhecimento. A tese usa como instrumento a entrevista de mulheres trans e travestis no processo de envelhecimento, a autora conclui que o processo de envelhecimento não está atrelado a idades cronológicas, mas nas inúmeras formas de violências sofridas por esta população nas ruas.

Ainda sobre a população Transidosa ou Transvelha, como João W. Nery as denomina, é importante ressaltar ações realizadas por organizações não governamentais e pessoas civis, como é o caso da ação sensível e significativa do jornalista audiovisual Yuri Fernandes, que criou uma *websérie* intitulada *LGBT+60: Corpos que Resistem*⁶, a qual apresenta narrativas de histórias de lutas e conquistas protagonizadas por pessoas LGBTQ+ idosas.

Ainda no ano de 2024, no dia dedicado ao Orgulho LGBTQ+ (28 de junho), a ANTRA lançou o projeto “*TRAVIARCAS: Diagnóstico sobre os desafios para o envelhecimento de travestis e mulheres transexuais brasileiras*”. O objetivo é identificar a situação dessas pessoas ao ultrapassarem a expectativa de vida considerada baixa no país, levando em conta fatores como acesso à educação, saúde (incluindo física, psicológica e sexual), trabalho, geração de renda, segurança pública, acesso à justiça, direitos econômicos e outros aspectos. Trata-se da primeira pesquisa de abrangência nacional com foco nas mulheres travestis e transexuais a partir de 45 anos. Mediante um edital de seleção pública, montou-se uma equipe multidisciplinar e elaborou um questionário *on line* visando traçar o perfil da situação bio psico sociocultural dessas mulheres, além de oficinas presenciais ministradas para este público em aproximadamente 17 capitais brasileiras, contemplando todas as regiões geográficas do país. Entre os impactos esperados, a síntese é a seguinte, segundo Bruna Benevides, presidenta da ANTRA:

Os resultados desta pesquisa serão usados pela ANTRA para pautar políticas públicas e garantir que pessoas trans idosas tenham acesso a direitos já assegurados e a uma agenda de cuidados adequados que inclua suas especificidades. Isso é crucial, pois a geração de pessoas trans mais velhas ainda é algo raro. Envelhecer é um dos direitos que tem sido negado até aqui e queremos ver como está esse processo a partir das expectativas dessas pessoas que continuam a resistir num país onde enfrentaram e

⁶ O material das webséries são disponibilizadas numa página do *Instagram* e compartilhadas por diversos aplicativos de redes sociais, como *WhatsApp*, *youtube*, entre outras plataformas digitais. Página do *Instagram*: [LGBT+60: Corpos que Resistem \(@lgbtmais60\) • Fotos e vídeos do Instagram](#) Acesso em 28 de novembro de 2024.

*enfrentam violência e violações de direitos humanos em todos os seus ciclos de vida*⁷.

Por meio de uma tentativa de revisão abrangente da literatura, uma metodologia de pesquisa delineada e uma análise dos dados coletados, propomos uma pesquisa no sentido de oferecer lampejos valiosos que podem ser utilizados na elaboração de políticas públicas e práticas de saúde capazes de reconhecer e valorizar a diversidade das vivências no processo de envelhecimento da comunidade LGBTIA+. Nesse processo, já prevemos a impossibilidade de abarcar as especificidades de cada letra da sigla que representa um verdadeiro universo de demandas próprias, como é o caso de envelhecimento de mulheres lésbicas e homens *gays*, ambos cisgêneros, por exemplo, que ainda não abordamos em nossas leituras.

O intuito é que podemos desenvolver abordagens mais inclusivas e sensíveis às necessidades específicas dessa população ao compreender como o discurso constrói e, com frequência, restringe as possibilidades de subjetivação. Dessa forma, esse estudo não apenas traz benefícios para o campo da linguística aplicada, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, que valoriza e respeita todas as formas de vida e envelhecimento no bojo da contemporaneidade. No tocante à Linguística Aplicada, aplicamos tópicos contemporâneos de abrangência não apenas do ponto de vista linguístico, mas também uma análise mais sensível, mediante à concepção estética da Linguagem (estudos literários, sob a lente de poemas que versam sobre os temas correlatos).

Nesse sentido, a Literatura aqui abordada é vista sob o prisma do ético e estético como itens indissociáveis para elucidação de temática, não apenas com um caráter de pretexto panfletário para a abordagem da temática. Corroboramos que a arte (da palavra) não ensina, mas educa e humaniza o nosso olhar de alteridade.

Diversos fatores culturais, sociais e psicológicos influenciam o processo de envelhecimento, tornando-se uma experiência complexa e multifacetada. O processo é mais complexo quando é analisado sob a lente da dissidência em relação à variabilidade de gênero e orientação sexual em intersecção com inúmeros outros fatores sociais ou marcadores.

⁷ Disponível na página da ANTRA, no seguinte endereço: <https://antrabrasil.org/2024/07/10/traviarcas-antra-lanca-pesquisa-sobre-envelhecimento-trans-brasil/> Acesso em 28 de novembro de 2024.

Isso ocorre porque envolve questões específicas de identidade e práticas discursivas que moldam a subjetividade humana. Logo, investigar como esses indivíduos experienciam o envelhecimento e como as práticas discursivas contribuem para sua subjetivação é crucial no contexto desta pesquisa, onde as questões de gênero e orientação sexual ainda enfrentam preconceitos e discriminações estruturais.

O intuito de dar visibilidade a essas vivências, ajudando a construir uma compreensão mais inclusiva e plural do envelhecimento, além de contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas sociais mais sensíveis às características e especificidades dos sujeitos representantes dessas comunidades.

Sendo assim, visamos analisar as práticas discursivas de subjetivação no processo de envelhecimento, com foco nas dissidências em variabilidade de gênero e orientação sexual, explorando suas influências, mecanismos e implicações de poder, visando fornecer percepções relevantes para promover a cultura da inclusão e respeito à comunidade LGBTIA+ sobretudo no que concerne àqueles que chegam à idade a partir dos 45 anos de idade, visto a aproximação à faixa etária se aproximar significativamente.

Nesse sentido, à luz de teóricos da análise do discurso crítica é importante investigar como os discursos vigentes que circulam no imaginário do senso comum normatizam ou moldam as percepções e experiências de pessoas LGBTIA+.

Além disso, é importante perceber as estratégias de resistências utilizadas por este público para contestar ou subverter as normatividades socioculturalmente impostas.

Estudos importantes de dispositivos cunhados por Michel Foucault, como biopoder, governabilidade, transgressões e fissuras aplicam-se às práticas de envelhecimento dessa população, bem como as viáveis interseccionalidades de gênero, sexualidade, classe social e raça, por exemplo.

Somando-se ao arcabouço teórico, é importante agregar os conceitos de performatividade de gênero, afinal, nas palavras da filósofa: “o gênero não é substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes [...] seu efeito substantivo é performativamente produzido” (BUTLER, 2018, p. 56, grifos da autora). Sendo assim, é importante investigar como essas performatividades se manifestam de forma hegemônica no contexto do envelhecimento e práticas cotidianas.

As práticas discursivas no processo de subjetivação durante o envelhecimento da população LGBTIA+ articulam uma variedade de saberes e sugerem uma análise crítica e

complexa de como as identidades de gênero e orientações sexuais divergentes são construídas e negociadas.

A necessidade de discutir a normatividade que historicamente circunscreve os corpos e subjetividades dos idosos, especialmente os de grupos minoritários, torna este estudo ainda mais importante. É possível entender como o poder se manifesta nas práticas discursivas que controlam a diversidade e o envelhecimento usando as teorias de Michel Foucault e as diretrizes de documentos internacionais no que concerne à velhice ou envelhecimento da população.

Foucault afirma que o poder não se exerce apenas de forma repressiva; em vez disso, ele produz, criando sujeitos e formas de subjetividades. Foucault (2014, p.12) afirma que os discursos são formas de poder que formam identidades e percepções do mundo. Para o filósofo, “o discurso é o poder que se quer conquistar; não é apenas o que representa os sistemas de dominação ou as lutas; é o poder pelo qual se luta”.

Neste contexto, é crucial destacar a importância do Estatuto do Idoso (Lei n.º 10.741/2003), um marco legal que protege os direitos das pessoas no Brasil em seus processos de envelhecimento. Mas podemos ver como esse documento participa da produção de discursos normativos sobre o envelhecimento ao examiná-lo sob a lente de Foucault. Esses diálogos definem o que significa ser um idoso "bem-sucedido" e as ações esperadas deles. O estatuto não apenas protege os idosos, mas também normaliza e controla suas vidas, favorecendo algumas subjetividades em detrimento de outras.

Em outras palavras, o biopoder é exercido sobre os corpos e desejos, bem como a sua legitimidade e permissividade de exercício, tornando o sujeito muitas vezes refém de uma produção em série. Como a produção pode cair ao avançar da idade, muitos sujeitos, corpos e desejos são alijados de um poder-saber.

E ainda, sabe-se que a Constituição Federal de 1988 e a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)⁸ garantem a igualdade de todos perante a lei e a proteção contra qualquer forma de discriminação. No entanto, Foucault (2014, p. 67) alerta que: “Os direitos

⁸ É importante ressaltar que o documento da Declaração dos Direitos Humanos (1948) nasce num período caótico e de reconstrução pós-guerra com resquícios do documento da Declaração dos Direitos do Homem, datado de 1789, na França com forte teor do Iluminismo que pouco incluía o direito a todas, todos e *todes*.

humanos, embora universais em teoria, muitas vezes se materializam de maneiras que mantêm as estruturas de poder existentes”.

Isso significa que as práticas discursivas de (não) subjetivação funcionam e são dispositivos que regulam o envelhecimento e nesse sentido, podem continuar a marginalizar aqueles que não se encaixam nas normas de gênero e sexualidade compulsórios, apesar das garantias legais, gradativamente conquistadas, mediante lutas e resistências.

O envelhecimento é um processo complexo e ultrapassa as alterações biológicas, que molda as subjetividades dos idosos e envolve práticas discursivas que permeiam a sociedade e que, frequentemente, são afetadas por relações de poder. Com base nas reflexões de Michel Foucault, podemos inferir como essas práticas influenciam não só as percepções sociais da velhice, mas também as normas e discursos associados ao gênero e à sexualidade. Essas regras, muitas vezes naturalizadas, impactam significativamente a forma como as pessoas consideradas idosas experimentam suas identidades e corpos, expondo dinâmicas de controle e resistência no contexto da terceira idade. Portanto, é perceptível como os discursos socioculturais ajudam a moldar, restringir ou alterar as vivências daqueles que alcançam essa fase da vida.

As leis e as políticas públicas promovem direitos e regulam identidades, ou seja, seus corpos e desejos. Para garantir que todos os idosos tenham seus direitos respeitados e suas subjetividades reconhecidas, independentemente de sua identidade de gênero ou orientação sexual, é necessária uma abordagem sensível, solidária, crítica e inclusiva que podem começar pelas práticas discursivas e reverberam na materialização dos corpos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento da comunidade LGBTIA+ transcende as análises tradicionais, sejam elas biológicas ou socioculturais. Ele se insere em um campo de complexidades discursivas, onde práticas de poder moldam subjetividades, muitas vezes desconsiderando as singularidades desses indivíduos. Essa abordagem exige uma crítica aprofundada das estruturas que perpetuam exclusões históricas e reforçam normatividades que silenciam corpos e histórias diversas. Assim, investigar como gênero, sexualidade e envelhecimento se entrelaçam não é apenas uma questão acadêmica, mas um imperativo ético e político para questionar sistemas que, de forma recorrente, marginalizam essa população.

Em sociedades que ainda (re)produzem discriminações e invisibilidades, a velhice LGBTIA+ revela-se como um campo fértil para a análise de dinâmicas interseccionais. Envelhecer, para esses sujeitos, é enfrentar não apenas os desafios naturais do processo biológico, mas também batalhas intensas por reconhecimento cidadão, dignidade humana e pertencimento. É um processo de resistência frente a discursos que os desumanizam, os relegam à invisibilidade ou os reduzem a categorias estigmatizantes. Nesse sentido, o envelhecimento se torna um movimento de luta, onde resistir é reafirmar o direito de existir plenamente.

Este estudo, ainda em seus estágios iniciais, busca dar visibilidade a essas questões negligenciadas, explorando as formas pelas quais discursos e práticas sociais moldam as experiências de idosos LGBTIA+. Amparados por um referencial teórico que inclui Foucault e outras perspectivas críticas, pretendemos não apenas desvelar os impactos dessas dinâmicas, mas também propor caminhos para sua transformação. A desconstrução de paradigmas excludentes exige não apenas análise, mas ação. Políticas públicas inclusivas precisam ser mais do que uma promessa; elas devem ser instrumentos efetivos de reparação e promoção da diversidade como valor central na sociedade.

Ademais, compreender essas trajetórias exige sensibilidade e conscientização sobre às interseccionalidades e um compromisso ético com as histórias de vidas que desafiam normas e expectativas hegemônicas. É necessário um esforço coletivo para que as narrativas dessas pessoas não sejam apenas ouvidas, mas também valorizadas e integradas na construção de um futuro mais justo. Afinal, o direito de envelhecer com dignidade e respeito não é uma concessão a ser negociada, mas um direito humano fundamental.

Em última instância, o propósito deste estudo não se limita à descrição das problemáticas, mas busca fomentar discussões que inspirem transformações reais. Desejamos contribuir para a consolidação de uma sociedade que reconheça e celebre as múltiplas formas de existir e envelhecer, reafirmando o compromisso com a equidade, a justiça social e a valorização de todas as vidas. Porque viver plenamente, em todas as etapas da vida, deve ser um direito assegurado a todos, sem exceções ou alijamentos.

Referências

- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco **Travestis envelhecem?** São Paulo: Dissertação de mestrado em Gerontologia. PUC - SP, 2010. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=11719 Acesso em 10 de outubro de 2024.
- ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 10 dez. 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos> . Acesso em: 20 ago. 2024.
- BARON, Luis; HENNING, Carlos Eduardo; ORTIZ, Sandra Regina Mota (orgs.). **O brilho das velhices LGBT+:** vivências e narrativas de pessoas LGBT 50+. São Paulo: Hucitec, 2022.
- BENEVIDES, Bruna; NOGUEIRA, Sayonara. **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais no Brasil em 2020**. ANTRA, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.
- BEZERRA, Lissandro Curió da Silva; et al. **A violência contra travestis e transexuais no Brasil: um estudo de caso com vítimas que procuraram a Justiça**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 23, p. e190153, 2019
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o **Estatuto do Idoso** e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 3 out. 2003.
- FOUCAULT. M. **A ordem do discurso**. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LIMA, Ana Paola de Souza. **Nossos corpos não são mais os mesmos:** narrativas de mulheres trans e travestis sobre o processo de envelhecimento. 2019. 145 f. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Linguagens, Cuiabá, 2019.
- LOPES, Ruanne Carla et al. **O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da Atenção Primária à Saúde**. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 31, n. 1, e310119, 2021.
- MEIRELES, C. **Poesia Completa**. Organização e introdução Waldir Ayala. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- MULLER, Gabriela; KNAUTH, Daniela Riva. **Transfobia, violência e saúde:** um estudo com travestis no sul do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 6, p. 1384-1392, 2008.
- NERY, João W. **Velhice transviada:** Memórias e reflexões. Editora Objetiva: Rio de Janeiro: 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, Natal, n. 5, 2010, p. 17-44.

ROCON, Pedro César; et al. **Corpos em movimento: experiências de travestis e transexuais no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Saúde em Debate, v. 40, n. 110, p. 104-116, 2016.

SABINO, Gabriela Magalhães; LUTERMAN, Luana Alves. **Práticas de subjetivação das ex-encarceradas do sistema prisional feminino no interior goiano**. In: CARVALHO, Érica dos Santos (Org.). Linguística e Literatura: Cultura, Sociedade e História – Volume 2. Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2021. p. [95-115].

SILVA, Pollyanna Regina Leite da; et al. **Vivências de travestis e transexuais no Sistema Único de Saúde: uma revisão integrativa**. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 70, n. 6, p. 1319-1328, 2017.